
O APRENDIZADO E O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL DO ALUNO NOS ESTUDOS LITERÁRIOS

MIRANDOLA, Sônia M.Machado¹

RESUMO: O presente artigo aborda a influência dos estudos literários no aprendizado e desenvolvimento do aluno, tendo em vista os pressupostos da teoria histórico-cultural. Enfatiza o fato de a leitura ser a mediadora do processo ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento. Aprendizagem. Literatura. Psicologia histórico-cultural

ABSTRACT: The present paper approaches the influence of the literary reading in the learning and development of student, having in mind the historic-cultural perspective. Stresses the fact of the reading to be the mediator of teaching and learning process.

KEYWORDS: Development. Learning. Apprenticeship. Literature Historic-cultural psychology.

INTRODUÇÃO

“Desde que o homem é homem, ele vive em sociedade e se desenvolve pela mediação da educação” (SAVIANI, 1997, p. 1).

O homem, no desenrolar de sua vida, passa por determinadas fases: a infância, a adolescência, a maturidade e a velhice. Cada uma dessas fases com suas próprias peculiaridades; porém, o que lhe vai possibilitar um favorável desenvolvimento psicológico é a educação. Uma educação que lhe dê condições de construir sua própria existência, de participar ativamente do meio em que vive. Quanto mais ricas forem as experiências educacionais do indivíduo, maior será seu desenvolvimento, tanto intelectual quanto psicológico.

Dessa forma, o escritor não é apenas aquele indivíduo que produz uma determinada obra literária, mas “alguém que desempenha um papel social, alguém que corresponde a certas expectativas dos leitores” (CÂNDIDO, 1965, p. 88).

Enquanto produção histórica de natureza social, a palavra – oral e escrita – constitui um instrumento de desenvolvimento cultural e do pensamento. À medida que se integra à dinâmica

¹Mestre em Educação. Professora da Fundação Educacional de Ituverava - FFCL

da atividade do sujeito, segundo Vigotsky (1988), a palavra como signo, como instrumento psicológico, modifica o desenrolar e a estrutura das funções psíquicas, gerando, por suas propriedades, a estrutura de novo ato instrumental, redimensionando as possibilidades da ação humana (p. 53).

Por esses parâmetros, a leitura vista como uma atividade mental é a mediadora, ou seja, a que, como forma de linguagem, consistirá num elo entre as experiências humanas e o mundo do leitor. Experiências estas, criadas e interpretadas por um outro. Por isso que se pode dizer que o lembrar abarca o interpretar.

Através da leitura de obras literárias, o indivíduo tem condições de ultrapassar as experiências sensitivas, superficiais e de atingir a essência das coisas, o mundo ininteligível (o abstrato). “Ocorre o reflexo do mundo externo no interno, ou seja, a interação do homem com a realidade, pensamento e língua criados” (VIGOTSKY, 1998, p. 167). Assim, por meio da Literatura, na relação autor, leitor e obra, desenvolve-se o pensamento verbal, o raciocínio, ou melhor, formam-se a sua consciência e o desenvolvimento das estruturas psicológicas superiores.

Pela leitura, ocorre a construção de outros signos, que contribuirão para o enriquecimento cultural do indivíduo, além de desenvolver seu lado emocional. Nessa fluência interacional surgem a memória, a atenção voluntária e a reflexão. A linguagem literária provoca o contato com os fatos do mundo, ampliando o mundo das percepções.

Segundo a perspectiva histórico-cultural, a memória está relacionada à origem da consciência, ao ato de conscientizar, de perceber algo. Neste aspecto, a Literatura, arte pragmática da leitura e da escrita, está intimamente relacionada à memória.

Sua origem remonta à Antiguidade, à Idade Média, à época em que, para preservar as histórias populares, as canções, a “*poiesis*” ou a poesia, os “*aedos*” ou os menestréis, os narradores profissionais percorriam as cidades, declamando-as ou narrando histórias.

A criança habituada a ouvir histórias, desde a infância, tende a possuir maior criatividade, senão também, maior facilidade para compreender esse imaginário mundo.

Existem contraditórias teorias em relação ao aprendizado e ao desenvolvimento mental da criança. Dentre essas, três são fundamentais para explicitar esse relacionamento.

A primeira, a que se pode aludir ao pensamento de Piaget, defende a independência entre o processo do desenvolvimento e o da aprendizagem. Segundo essa teoria, “a aprendizagem é um processo puramente exterior, paralelo ao processo de desenvolvimento, mas que não participa

ativamente deste nem o modifica” (VIGOTSKY, 1998, p. 104). O aprendizado não se relaciona ao desenvolvimento, chegando num determinado tempo até a se separarem, já que o desenvolvimento ocorre até determinada etapa. São processos totalmente autônomos.

Piaget em suas experiências com crianças utiliza perguntas inusitadas, por exemplo, “por que o sol não cai?”. Demonstra com isso seu ponto de vista, ou seja, faz perguntas fora da capacidade intelectual da criança, a fim de anular qualquer influência de algum aprendizado prévio, “na tentativa de obter as tendências do pensamento da criança em sua forma mais pura, completamente independente da aprendizagem” (PIAGET, *apud* VIGOTSKY, p. 104).

Segundo Duarte (2000), Piaget distingue dois aspectos no desenvolvimento intelectual da criança, primeiramente o que aprende por transmissão familiar e escolar, a educativa em geral e, depois, o desenvolvimento espontâneo, o psicológico, que consiste no desenvolvimento da inteligência, aquilo que a criança aprende sozinha, o que ela própria descobre.

Logo, para Piaget, conforme declara Duarte (2000), a fim de se realizar efetivamente a aprendizagem, a escola deveria privilegiar momentos de descobertas, de reconstrução do conhecimento, através de atividades espontâneas, relegando a transmissão de matérias prontas para um plano inferior.

A segunda teoria, defendida por William James (*apud* VIGOTSKY, 1998), por sua vez, considera ser o aprendizado o próprio desenvolvimento, embora possuam raízes diferentes. Aprendendo, desenvolve-se mentalmente e vice-versa. Nesta concepção, conforme Vigotsky (1998), há uma total identificação entre esses dois processos, numa constante sobreposição entre eles. Desta forma, fica difícil diferenciá-los e, portanto, identificar suas reais funções.

O desenvolvimento é visto como o domínio dos reflexos condicionados, seja em relação à leitura, como à escrita ou à matemática; estando assim aprendizagem e desenvolvimento completamente inseparáveis.

Um terceiro grupo, apoiado na teoria de Koffka e dos gestaltistas, defende a coexistência da aprendizagem e do desenvolvimento do sistema nervoso. Dessa forma o nível de maturação influenciará no limite do aprendizado, como também este incitará aquele a atingir novos patamares. A aprendizagem aumentará o desenvolvimento. De acordo com esta teoria, cada disciplina colaborará de uma forma para o desenvolvimento mental geral. Por exemplo, a Matemática desenvolverá um aspecto; a Ciência, a História, outros. O fato importante nesta teoria

“é o amplo papel que ela atribui ao aprendizado no desenvolvimento da criança” (COLE *et al.*, *apud* VIGOTSKY, 1998, p. 106).

Tal teoria, porém, já foi contestada, por alegarem que todas as disciplinas, sem distinção, proporcionam aumento indistintamente das capacidades mentais, pois o indivíduo é um conjunto de capacidades – atenção, memória, raciocínio, observação, vivacidade, concentração, etc. e o desenvolvimento de uma acarreta o desenvolvimento da outra (VIGOTSKY, 1998). De acordo com o teórico dessa teoria, Thorndike, se alguém aprende a fazer algo bem, será capaz de fazer outras coisas da mesma forma, mesmo que sejam diferentes entre si. Assim o desenvolvimento de uma capacidade, produz o desenvolvimento de outras. Por outro lado, Koffka e os gestaltistas opõem-se a esta idéia, dizendo que as capacidades mentais são independentes, devendo ser desenvolvidas mediante exercícios adequados. Uns têm capacidade de concentração; outros não. Para eles, o desenvolvimento é sempre um conjunto maior que a aprendizagem. Ao dar um passo no aprendizado, dá dois no desenvolvimento. Enquanto que para Thorndike, aprendizado e desenvolvimento andam juntos em todos os aspectos.

Já a teoria histórico-cultural elucidada de outra forma a relação aprendizado-desenvolvimento. Segundo Vigotsky (1998), o aprendizado inicia-se bem antes da entrada na escola. As crianças, ao adentrarem nas salas de aula, já trazem suas experiências, suas descobertas, seus conhecimentos adquiridos no convívio familiar e social. Logo, já alcançaram um grande desenvolvimento mental. A escola tanto pode continuar esse desenvolvimento, como também interrompe-lo, ou desviá-lo.

A aprendizagem e o desenvolvimento estão inter-relacionados desde os primeiros momentos de vida da criança. Mas para explicar essa inter-relação, deve-se considerar a área de desenvolvimento potencial da criança. É fato que a aprendizagem deve ser de acordo com o nível de desenvolvimento do aluno, mas nada impede que a aprendizagem vá além, induzindo a um maior desenvolvimento.

A escola tradicional considera que somente há desenvolvimento mental quando a criança realiza algo sozinha, sem mediadores. Hoje, os pensamentos são outros. O que uma criança realiza com auxílio de alguém ou de algo, como a leitura, suplantará facilmente o seu nível de desenvolvimento mental. O que essa criança é capaz de fazer com a mediação de outro fator, refere-se à zona de desenvolvimento potencial; em outro momento, ela realizará esta tarefa

sozinha. Por meio deste método, pode-se inferir o grau de desenvolvimento psicomotor de uma criança como também os desenvolvimentos posteriores que se produzirem.

O desenvolvimento mental refere-se a dois níveis: o nível de desenvolvimento efetivo e o de desenvolvimento potencial, como assevera Vigotsky. Pensamento este que se contrapõe ao da escola tradicional, cujo ensino realizarse-ia consoante o desenvolvimento do aluno; enquanto que a teoria do desenvolvimento potencial diz ser “o único bom ensino, aquele que se adianta ao desenvolvimento” (VIGOSTY, 1988, p. 106).

Portanto, aprendizagem não é desenvolvimento; um eficaz aprendizado escolar enriquece o desenvolvimento, é a mola propulsora do desenvolvimento das funções superiores do indivíduo. O processo de desenvolvimento não está além da aprendizagem e, sim, aquém, segue-a, formando assim a zona de desenvolvimento potencial.

Por outro lado, esses dois processos não se realizam simultaneamente, “o desenvolvimento da criança não acompanha nunca a aprendizagem escolar, como uma sombra acompanha o objeto que a projeta,” afirma Vigotsky (1988, p. 116).

A quantidade de conhecimentos adquiridos por um aluno não revela o seu nível real de desenvolvimento, apesar deste ser subordinado àquele. A visão tradicional julgava que, no momento em que o aluno dominasse uma operação matemática, por exemplo, seus processos de desenvolvimento atingiriam o grau máximo; quando, na realidade, estão apenas iniciando. Como diz Vigotsky (1998, p. 118), o maior resultado dessa teoria “é que esses conhecimentos adquiridos constituem o gérmen para os desenvolvimentos posteriores de vários processos internos altamente complexos no pensamento das crianças”. Assim, cada disciplina possui um determinado valor em relação ao desenvolvimento da criança. Dentre elas, conforme as palavras do poeta Castro Alves, a Literatura, além de transmitir conhecimentos, faz também pensar:

Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão – cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É gérmen – que faz a palma
É chuva – que faz o mar! (REVISTA Escola, 1998, p.13).

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965. 229 p.

DUARTE, N. **Vigotsky e o “aprender a aprender”**. Campinas: Autores Associados, 2000. 296 p.

SAVIANI, D. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1997. 246 p.

VIGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente**. 6. ed. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 161 p.

VIGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo, Ícone Edup, 1988. 228 p. 88